



Cartografias artísticas⁴

Vanessa Costa da Rosa

A cartografia, para além da especificidade geográfica de estudo e formulação de mapas da superfície terrestre, pode ser compreendida como instrumento que estimula mapeamentos e vivências contemporâneas sobre o mundo. Por isso ela tem sido tema e prática de produções e processos nas Artes Visuais e na Arte Educação.

No texto *Cartografias e Territórios: Cartografias artísticas, sociais - Territórios poéticos, políticos*, Lilian Amaral nos apresenta a cartografia como sendo *uma forma de representação de fenômenos no espaço*. Muitas vezes essa representação se dá através do mapeamento desses espaços e esse mapear é uma maneira de apropriar-se do território, de interpretá-lo de várias formas possíveis, *sejam elas físicas, mentais ou sensoriais*. As ações cartográficas podem ser *acontecimentos, relações sociais ou afetivas que se materializam ou não no espaço*. Sendo assim, a cartografia é o lugar onde se articulam diversos tempos, memórias e narrativas, onde a experiência acontece.

~~descontínuas, na produção de novas solidariedades.~~ Pois as cartografias são apropriações do espaço num processo criativo de empoderamento e de consciência do espaço. Nas discontinuidades do cotidiano estão suas possibilidades de reflexão, atuação e reinvenção. 5

⁴ Texto desenvolvido durante as aulas da disciplina Sobre Ser Professor Artista, ministradas pela Prof^a. Dr^a. Jocielle Lampert, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da UDESC.



O cartografar muitas vezes dá visibilidade ao que é oculto ou abafado. Através de experiências, ações e apropriações a cartografia traz à tona questões políticas sobre o espaço que antes eram negligenciadas. O artista distribui, constrói e ramifica sua cartografia sob o espaço. No texto *Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil*, de Sueli Rolnik, o cartógrafo aparece como sendo aquele que *quer mergulhar na geografia dos afetos*⁶. A autora também nos chama atenção para a não preocupação com referências teóricas rígidas, pois a cartografia é considerada teoria para o cartógrafo. Ela é a teoria que se dá na paisagem, na experiência.

Relatos de processos cartográficos

No texto *Museu Efêmero: narrativas artísticas contemporâneas y patrimonio - Mobilización de relaciones entre personas y bienes culturales*, Lilian Amaral nos fala como um grupo de pessoas de lugares diferentes passou a pensar a cartografia em espaços urbanos de cidades como São Paulo e Barcelona. Baseados no conceito de mundo como um museu aberto, onde as cartografias artísticas, culturais e sociais se articulam, o projeto *Museu Efêmero* atua como um *observatório de territórios e busca desenvolver processos criativos que se conectam com determinadas atividades sociais locais*⁷. Lidam com contextos pequenos de comunidades e é a partir da análise dos problemas vistos nesses microcontextos que surgem as ideias para serem realizadas por grupo de pessoas de diversas áreas. Essas

⁵ AMARAL, Lilian. Cartografias e territórios: Cartografias artísticas, sociais - Territórios poéticos, políticos.

⁶ ROLNIK, SUELI. *Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil*. Disponível em: www.pussp.br/nucleodesubjetividade/textos/suely/pensarvibratil.pdf

⁷ AMARAL, Lilian. *Museu Efêmero: narrativas artísticas contemporâneas y patrimonio - Mobilización de relaciones entre personas y bienes culturales*.



ideias tornam-se projetos que buscam criar uma interação com o espaço social, gerando situações e ações que dialoguem com o entorno do local e com suas complexidades sociais. O conhecimento e estudo deste espaço são importantes para poder escolher uma temática que seja determinante para aquele contexto.

Em outro texto intitulado *Workshop: M.A.D. - R.U.A. - Mapeamento Artístico Digital - Realidade Urbana Aumentada*, encontramos um relato detalhado de Lilian Amaral sobre o Workshop - Projeto MAD - RUA. O evento buscou pensar sobre as questões relacionadas ao museu aberto e as produções artísticas como cartografias sobre o espaço.

Sobre o que seria o Workshop, Lilian argumenta, logo no início de seu relato, esclarecendo o sentido do evento, seus participantes e a forma como o grupo entende a cartografia social:

O Workshop M.A.D – R.U.A Mapeamento Artístico Digital – Realidade Urbana Aumentada, é um espaço criativo interdisciplinar, onde convergem artistas, antropólogos, sociólogos, ativistas e pessoas interessadas no desenvolvimento de cartografias artísticas e sociais em contextos urbanos, no âmbito da confluência entre Arte-Ciência-Tecnologia-Sociedade.⁸

No evento além das discussões com o grupo presente, os participantes trocaram experiências com artistas convidados através de videoconferências. Assim, experiências de projetos realizados em outras partes do mundo como Espanha, Portugal e Uruguai foram compartilhadas.

Durante o Workshop, houve momentos de campo onde os participantes puderam captar sons em espaços da cidade, que mais tarde se tornaram parte de um trabalho de criação coletiva. O *video mapping* intitulado *Miradas em Trânsito* se concretizou ao final do Workshop e dias depois foi exposto ao público.

⁸ AMARAL, Lilian. *Workshop: M.A.D. - R.U.A. - Mapeamento artístico digital - Realidade Urbana Aumentada*, SP: 2013.



Revista APOTHEKE

Sobre as conversas realizadas nas videoconferências, mencionarei uma delas com a qual construirei uma ponte com uma experiência particular. Essa é a videoconferência com a artista Verônica Conte, de Portugal. Na conversa a artista fala sobre seu projeto *Vivercor*, que foi a base de seu doutorado em Buenos Aires. Para contextualizar o projeto, Verônica iniciou sua fala fazendo uma crítica às ações supostamente comunitárias, apresentando em seguida seu projeto, que teve início a partir de uma pesquisa na pequena e tradicional aldeia de São Cristóvão em Portugal. As ações que davam corpo ao projeto tratavam, em um primeiro momento, de reconhecer a história do local e de seus habitantes subjetivamente para, em seguida, elaborar projetos visuais para pinturas das fachadas de cada casa do local - projetos estes que deveriam ser inspirados na cultura daquela comunidade. Por último, a execução das pinturas seria realizada sobre a fachada das casas com o consentimento de seus moradores e, em alguns casos, com a ajuda dos próprios moradores da casa.

O projeto de Verônica lembrou-me de experiência que tive, semelhante em sua estrutura de formulação, mas com diferenças na prática. O projeto que participei foi realizado junto à turma de Artes Visuais, na Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE, quando era acadêmica do 2º ano do curso de licenciatura em Artes Visuais.

Os professores responsáveis por encabeçar o projeto lecionavam as disciplinas de Produção Cultural e de Gravura. Eles nos abordaram com a proposta do projeto já estruturada e esta contaria como pontuação final da disciplina de Produção Cultural. Assim sendo, todos os alunos participaram do projeto, que também foi dividido em partes semelhantes aos projetos de Verônica.



Revista APOTHEKE

O nosso projeto foi desenvolvido em um Conjunto Habitacional - COHAB do bairro Aventureiro, na cidade de Joinville. Por ser um conjunto habitacional, as casas eram todas do mesmo formato e tamanho, tendo sido projetadas e realizadas com o auxílio do governo e vendidas por valores simbólicos às famílias do local.

Para a realização do projeto, os alunos foram divididos em duplas, e cada dupla foi responsável por uma das casas do local. Em um primeiro momento, tivemos contato com as famílias do lugar. Em duplas, entramos nas casas e conversamos com os seus habitantes sobre o projeto, sobre o que estávamos propondo e, principalmente, sobre questões relacionadas ao cotidiano deles, suas origens, seus desejos e memórias. Foi o momento que chamamos de coleta de dados e de entrevista. Nessa etapa, eu e minha companheira de dupla nos relacionamos muito bem com o casal visitado. Eles eram do nordeste do Brasil e sentiam muitas saudades do mar. Ambos eram bem jovens e estavam há alguns poucos anos morando na cidade. Lembro-me muito desse detalhe do mar e inclusive foi esse recorte da conversa que levamos como referência para o projeto de pintura da casa.

Depois da entrevista, retornamos à universidade e lá elaboramos em duplas os projetos de pintura da fachada das casas. Em uma segunda visita, mostramos às famílias os projetos já prontos e recebemos a aprovação (ou não) do projeto para depois retornarmos em uma terceira visita para a execução.

Quando eu e minha colega retornamos para conversar com o jovem casal, infelizmente, não tivemos o projeto aprovado por eles. Por conta disso, não pintamos a fachada da casa e para nós o projeto parou por ali. Além de nós, acredito que mais uma ou duas duplas também não executaram a pintura por conta do pedido dos moradores da casa. No entanto, como o



projeto não havia acabado para o coletivo, eu e minha companheira de dupla fomos solicitadas a ajudar na execução das pinturas de outras casas, junto a outras duplas de alunos.

Quando li o texto sobre o projeto de Verônica percebi que talvez meus professores tenham se inspirado nele, mesmo não tendo apresentado para nós como fonte de referência. Eventualmente, foi apenas uma coincidência mesmo.

Com certeza, muitas questões diferenciam nosso projeto do de Verônica. Em especial, o que consigo perceber através da minha experiência e através dos relatos do texto de Lilian Amaral e do site do projeto de Verônica, é que, em primeiro lugar, os desenhos/protótipos de pinturas das casas do projeto *Vivercor* foram realizados com certo padrão visual bem elaborado e inspirado na cultura da comunidade local, diferente de nossa experiência onde cada projeto era bem diferente um do outro. Em nosso projeto, cada dupla pensou e elaborou sozinha o desenho de pintura da casa, sem pensar na cultura da comunidade local ou mesmo na visibilidade da comunidade ao final da pintura das casas, o que hoje posso considerar problemático, pois não pensamos no convívio coletivo da comunidade para além da subjetividade dos habitantes de cada casa.

Em segundo lugar, em nosso projeto, houve problemas na execução das pinturas das casas, pois a nossa inexperiência com pintura mural, além da falta de tintas e materiais necessários para uma pintura de qualidade e de boa execução, fizeram com que a produção das pinturas não fosse suficientemente bem elaborada. Considerando isso hoje, pode se dar margem a pensamentos que estigmatizem a comunidade local, com falas como *'pra quem é, tá bom'*, imprimindo uma feição assistencialista ao projeto.

Essas questões e problemas não eram, e nunca foram, a intenção do grupo. Mas o fato é que deveriam ser repensadas e consideradas por nós, em especial ao que se refere à aparência assistencialista, o que considero mais grave.

Mesmo com todos os problemas apresentados, lembro-me de ter sido uma experiência muito importante para mim, principalmente quanto ao contato com os moradores da casa e suas histórias. Até hoje não esqueço a saudade do mar que via em seus olhos enquanto conversávamos.





**MOSTRA DOS ACADÊMICOS
DO 3º ANO DE ARTES VISUAIS**
Curadoria: Franzoi

13 de agosto de 2009 às 20h.

Adriana Maia	Lauze Onofre
Ana Claudia Artioli	Leonardo Longen
Daniel Arcuri	Mariana Fuccio
Debora Mattos	Patricia Schubert
Fabiana Martendal	Sol Lyle
Jaqueline Gonçalves	Vanessa Rosa
Larissa Miller	Viviane Baschirotto

Local: Associação dos Artistas Plásticos de Joinville - AAPLA
Cidadela Cultural - Rua 15 de Novembro, 1383 - América

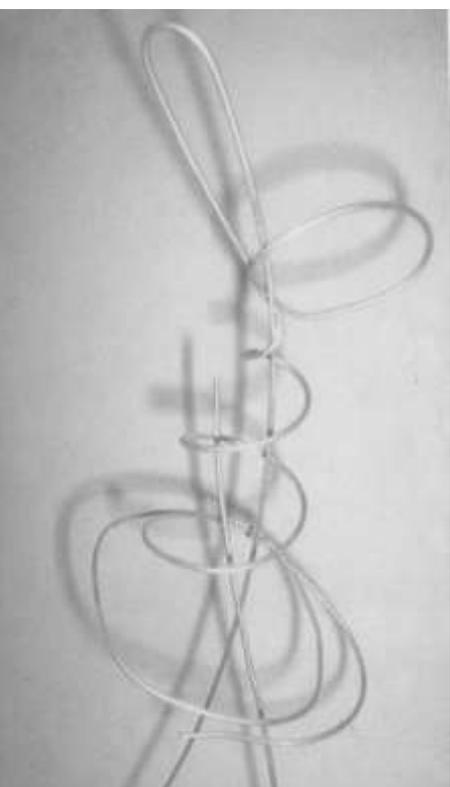
APÓS:



REALIZAÇÃO:



Desenhos, rabiscos, esculturas, teatros, instalações, fotografias, exposições, vivências e experiências em arte.





Cartografia - um relato de experiência

Enquanto cursava especialização em História da Arte na Universidade da Região de Joinville - Univille, nos anos de 2012 e 2013, tive a oportunidade de pensar sobre cartografia e como minhas memórias e vivências poderiam ser compreendidas a partir de um 'mapa' cartográfico. Essa experiência só foi possível através das aulas ministradas pela Professora Maria Cristina Pessi na disciplina de Metodologia do Ensino Superior, no ano de 2013. Aliás, lembro-me claramente de seu semblante atento, alegre e paciente durante as aulas.

Foi durante aquelas aulas que tive o primeiro contato com a cartografia. Dentro de discussões sobre teorias da Educação em Arte e sobre as vivências do professor como docente, a professora Cristina nos levou a pensar sobre nossas próprias práticas pedagógicas e cotidianas, sobre os interesses que nos levaram para o campo da arte e sobre nosso cotidiano e afetos, a fim de construirmos ao final da disciplina um 'mapa' que falasse sobre a unidade dessa construção que nos levou a estarmos ali.

Eu, assim como algumas pessoas da turma, já era formada em licenciatura. Nós não éramos a maioria da sala, pois lá havia também jornalistas, arquitetos e até mesmo advogados - uma turma bem eclética. Mas, desse grupo de mais ou menos 8 alunos licenciados, pelo menos 6 já vivenciavam a prática docente. Lembro-me que para mim, que havia sido formada recentemente, em 2011, e que entrara no mundo do ensino ainda no início de 2012, as aulas foram um momento muito importante para pensar a docência e rever meus interesses sobre Arte e sobre os rumos que queria seguir.



A proposta cartográfica vinha, como referência, da experiência vivenciada pela própria professora em sua tese de doutorado *Ilustro Imago - professoras de arte e seus universos de imagens*, USP, 2008. A tese é uma abordagem de pesquisa inspirada e norteadas por imagens. Essas são fotografias feitas pela professora Cristina de imagens do universo de professores de Arte. A imagem é vista com especial atenção pela professora, mostrando a importância delas para a construção de projetos de ensino, de repertório sensível pessoal e artístico, de formação e de prática artística:

imagens. São muitas as imagens ao longo de uma vida. São muitas as imagens ao longo de uma formação na área de arte. São várias as obras de arte ou suas representações que desencadearam projetos de ensino. São inúmeras as imagens marcantes entre as pessoas e o cotidiano, o mundo natural, o mundo construído, o poético mundo nano ou o imponente mundo universal.

9

Durante nossas aulas a professora sempre pontuou a importância do professor ser também um criador, um produtor do sensível através de imagens, de experiências artísticas e também de seus escritos pessoais. Em sua tese ela fala sobre isso a partir das imagens dos professores, tanto as que estes levam para a sala de aula como referência aos alunos, assim como suas imagens pessoais que estão presentes em seus cotidianos, e ainda as que fazem parte do repertório criativo dos professores em suas anotações, registro e produções artísticas. Como ela mesma argumenta ao falar da divisão das fotografias que registram esses universos de imagens particulares:

⁹ PESSI, Maria Cristina. Tese de doutorado: *Ilustro Imago - professoras de arte e seus universos de imagens*, USP, 2008, p.17.



Por uma repetição de elementos da foto ou variação de contexto, as fotografias foram divididas em: **Isto é arte** – as imagens apresentadas na sala de aula; **Cotidiano** – algumas representações do universo visual das professoras; **Produções** – criações produzidas pelas professoras. Acredito que as imagens apresentadas nestes três grupos realmente contribuirão para refletir sobre a problemática evidenciada na tese.

As imagens do **cotidiano** e de **produções** foram basicamente o ponto de partida para que pensássemos nossas produções durante as aulas, uma vez que a maioria dos alunos não lecionava e por isso não tinham um repertório de imagens para usar em sala de aula.

Quando iniciei as aulas no mestrado da disciplina *Sobre Ser Professor Artista* percebi muitas questões que relacionavam ambas as discussões, as das aulas da professora Cristina e as da professora Jocielle Lampert. O pensamento que Cristina nos instigava era o de construir e possuir uma vivência de professor como criador, questão que se relacionava de imediato com a proposta da disciplina da professora Jocielle de que, como professores, também deveríamos experimentar ser artista, ser criador, vivenciar práticas em Arte.

A decisão de valorizar as imagens, as práticas artísticas, as narrativas, as vivências artísticas e pessoais, também é considerada por Cristina como um meio de pesquisa em Arte. Sua tese baseia-se justamente na imagem como elemento representativo de dados e questões teóricas sobre o horizonte da prática docente. Questão que também se relaciona com as discussões que tivemos em sala de aula na disciplina *Sobre ser professor artista* e que está presente no pós-doutorado da professora Jocielle, quando ela se baseia na prática do diário, da narrativa sensível de experiências, como meio de produção acadêmica de pesquisa, importante para o espaço da Arte:



Assim, também concebo este estudo como uma cartografia que surge de um rizoma (ou raiz), que pode ter no pensamento uma força performática, porque ancora-se sobre algo real. [...]

Alerto: este texto é um diário! Chamo de Deambulação os caminhos que percorri, percorro e continuo a planejar em percorrer. É um diário que apresenta conversas, situações, cartas, vivências pessoais e profissionais, reflexões sobre os livros que li e das aulas que planejei, e apresenta também, as ilustrações/imagens e anotações, que fiz ao longo da pesquisa de seis meses sobre o ensino da pintura.¹⁰

Em sua tese, a professora Cristina argumenta sobre a imagem como experiência em Arte e na vida, como formação e como espaço do sensível. Ela nos fala também sobre as mudanças das pesquisas em Arte que buscam formas alternativas para apresentar seus dados e argumentos, como ela mesma se aproxima com sua pesquisa baseada em imagens:

Desde o início da década de 1990 a investigação baseada nas artes está tendo um importante desenvolvimento com o propósito de explorar formas alternativas de investigação, de apresentação e de representação de dados. Barone e Eisner, em publicação², afirmam que pesquisadores estão experimentando formas de arte como modos alternativos de representar dados pesquisados. Incluem formas linguísticas: construção de narrativas e contar histórias; e formas não-linguísticas de pesquisa: pintura, fotografia, colagem, música, vídeo, escultura, filme e até dança. Segundo Eisner, modos não linguísticos podem apresentar a grande mudança para aqueles pesquisadores tradicionais para quem a palavra escrita tem sido a única forma de enunciar os achados de pesquisa.

11

Durante as aulas tivemos esse contato com a cartografia pensando a partir de nosso horizonte e de

¹⁰ LAMPERT, Jocielle. *Diário de Artista e Diário de Professor: deambulações sobre o ensino da pintura*. Relatório de pós-doutorado. Teachers College Columbia University em NewYork - USA, 2013, p.14.

¹¹ PESSI, Maria Cristina. Tese de doutorado: *Ilustro Imago - professoras de arte e seus universos de imagens*, USP, 2008, p.24.



Revista APOTHEKE

nossas perspectivas sobre Arte e Educação e assim, no decorrer da disciplina, fomos formulando o que poderia ser o nosso mapa cartográfico, essa imagem que nos falasse sobre nós e tudo que nos move.

Eu construí duas produções baseadas na cartografia do meu cotidiano, uma produção prática artística na linguagem do desenho e outra um registro fotográfico de um espaço que apresentava aquilo que tomava maior parte do meu tempo cotidiano - as aulas de arte que lecionava para alunos do ensino médio da rede estadual de ensino. Essas duas produções me proporcionaram experiências importantes que me fizeram refletir sobre para onde estava indo meu caminho enquanto educadora e enquanto pessoa. Depois de muito me questionar sobre qual das duas produções escolher para apresentar em sala de aula, acabei por ficar com a que mais me deu prazer ao realizar, a produção de desenho.

Nunca tive a intenção de ser artista. Tive algumas tentativas sim, coisa que falarei em outro texto nesta revista, mas sempre cultivei um prazer imenso em desenhar e pintar, desde criança, mesmo não tendo domínio de técnica. E, para a produção do meu mapa cartográfico, eu escolhi então a produção que mais me cativava, escolhi desenhar. Foi um desenho que de início parecia-me fácil, mas que quando comecei a colocar em prática levou horas e horas para terminar. Minha ideia era fazer algo onde todas as questões em que eu estava envolvida estivessem presentes e que de alguma forma se relacionassem conforme suas proximidades e também conforme meu interesse por elas. Por isso, optei por fazer uma planta que se espalha como rizoma e sempre se expande, a trepadeira. Assim, as questões colocadas por mim apresentariam uma unidade, ainda que confusa, unindo-as.



Revista APOTHEKE

Para poder falar sobre o grau de intensidade e envolvimento que tinha com as questões colocadas em minha trepadeira, resolvi usar as cores. Assim, as cores mais quentes se ligavam às coisas que mais me chamavam a atenção no momento, àquelas que mais me animava. Enquanto as cores frias mostravam as questões que estavam sendo laboriosas e cansativas para mim e que por ironia ou não tomavam o maior espaço de meu tempo e também de espaço em minha trepadeira.

Infelizmente, uma das questões que mais tomava conta do meu cotidiano era meu trabalho como professora da rede estadual de ensino e também era uma das coisas que mais





queria me afastar. Tinha acabado de entrar na rede estadual e descobrira o horizonte precarizado, maçante e desmotivador da educação pública abandonada pelo Estado. A escola que lecionava estava interditada, e por conta disso fazíamos uma jornada de trabalho altamente cansativa, tendo que lecionar em três espaços diferentes, onde fomos realocados para poder dar aulas a todas as turmas. Não tínhamos sala dos professores e nos intervalos ficávamos todos pelos corredores, à deriva, sem ter um local de descanso.

Pega de surpresa, nessa situação as aulas eram difíceis de serem executadas, principalmente as atividades práticas. Sem estrutura e nem perspectivas de retorno à escola, era muito difícil de lecionar sem ter espaços adequados para fazer uma aula prática, sem ter um aparelho para reproduzir imagens aos alunos, e em salas extremamente apertadas, em um calor de mais de 40° com apenas um ventilador para os 40 alunos e eu. Naquela situação, tendo o primeiro contato efetivo com alunos daquela faixa etária, depois do estágio escolar, eu acordava todas as manhãs e pensava em desistir. Foram sete meses nessa situação, com a escola em reforma e sem podermos retornar ao prédio. E esses sete meses acabaram por coincidir com as aulas que tivemos com a professora, e por isso minha cartografia mostrava minhas experiências de ensino nas cores mais frias de minha trepadeira.

Acredito que essa disciplina foi decisiva para mim justamente por isso: a cartografia chegou-me como um instrumento que me fazia repensar o que eu buscava estando em sala de aula e também me fazia questionar mais e mais sobre o espaço da educação pública. Durante esse tempo, aconteceram muitas coisas, tive que me adaptar, arrumar alternativas de trabalhar com os alunos em lugares nem um



pouco convencionais e também trocar algumas experiências boas e outras nem tanto. Uma das primeiras decisões que tive que tomar doeu muito no meu bolso, a compra de um aparelho projetor, senão seria impossível mostrar aos alunos reproduções de Arte que lhes chamassem a atenção. Lembro-me que foram praticamente 85% do meu salário do mês para comprar aquele aparelho, mas que valeu muito a pena e utilizamos muito, inclusive para ver os trabalhos desenvolvidos pelos próprios alunos.

Entre essas lembranças está também o dia em que nós professores nos unimos aos alunos e juntos fomos em 'procissão' ao centro da cidade para nos manifestar, reunindo-nos com outros estudantes e professores, pedindo providências para a realização de obras nas oito escolas interditadas, entre elas a nossa, naquele início de ano.

As aulas da professora Cristina e as imagens que desenvolvi são para mim um espaço especial de memória que me fizeram refletir sobre as questões de ensino de arte a partir de minha experiência na época. Já as aulas que tive no mestrado com a professora Jociele também me levaram a refletir sobre minha prática docente, sobre minhas escolhas e afastamento das práticas artísticas, agora em um outro contexto onde o turbilhão que havia vivido durante aqueles sete meses já havia passado e na memória já trazia outras melhores lembranças das aulas que lecionei por mais um ano depois do retorno ao espaço escolar.

Enfim, posso compreender hoje que a cartografia se tornou para mim um meio de interpretar a realidade cotidiana, de poder lidar com ela para repensá-la e recriá-la em busca de novas alternativas para a educação em Arte.



Produção artística cartográfica – fotografia – 2012 – Vanessa Costa da Rosa



Mostra Coletiva Olheiro da Arte CCJE revela os novos talentos das artes visuais

Curadoria: Fernando Cocchiarale – Coquetel de Abertura: 23 de fevereiro, às 19h – Exposição a partir do dia 24 de fevereiro de quarta a domingo das 12h às 19h.

Local: CCJE – Centro Cultural da Justiça Eleitoral – Rua Primeiro de Março, 42 – Centro – Rio de Janeiro – ENTRADA GRATUITA – www.olheirodaarte.com.br



Produção artística realizada durante a disciplina de Instalação na graduação em Artes Visuais. Exposta três vezes, sendo a 1ª na Universidade da Região de Joinville; a 2ª na mostra Olheiro da Arte no Centro Cultural da Justiça Eleitoral do Rio de Janeiro (Curadoria de Fernando Cocchiarale) e a 3ª na Mostra Entre-Imagens no SESC de Joinville (Curadoria de Alena Marmo). Consiste em um cubo vermelho com uma frase que pode ser lida em seu interior: *Eu aqui sozinho, e o outro?*

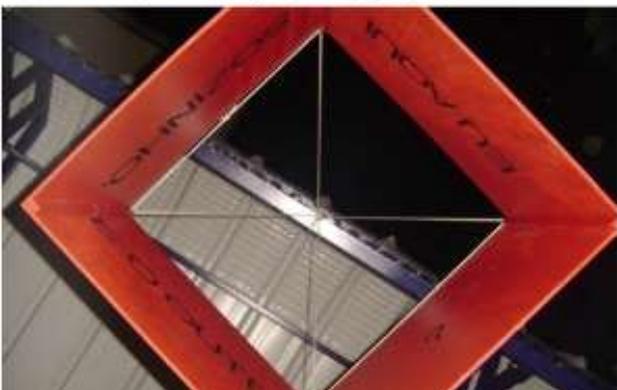


Sobre a artista

Graduada em Artes Visuais pela UNIVILLE, Bolsista no Programa Inst. Arte na Escola. Tem experiência como auxiliar de restauração e mediação de exposição. Fez vários trabalhos artísticos na graduação, expostos na universidade, como: instalações e performances. Participou da mostra Experimentus do 3º ano de Artes Visuais com trabalho Ócio Criativo - Ação Coletiva na Associação dos artistas plásticos de Joinville.

Sobre a obra

Um cubo vermelho dentro do espaço expositivo quando adentrado já não é mais algo apenas geométrico. O cubo torna-se um novo espaço, um ambiente a ser praticado. O espectador pode entrar nesse ambiente. O vermelho do cubo é uma cor densa que pode despertar uma tensão e um alerta ao espectador. No seu interior o cubo é recheado por uma frase que é no mínimo instigante "EU AQUI SOZINHO E O OUTRO?"; que se divide nas quatro paredes do cubo. Parede 1: EU AQUI; parede 2: SOZINHO; parede 3: E O OUTRO; parede 4: ? Dentro do espaço do cubo o espectador frente à pergunta é instigado a pensar sobre o assunto.



→ A bolboleta e o pi de goiabada → for
 olhos cegos → as gotas → a pupa → Col
 das folhas → a pupa foi



→ Desenho da infância: Homem jogando futebol, Caval
 do Uva. → Participação de teatro na escola

→ Curso na Casa da Cultura - Desenho-infância
 → Pintura de paredes, de caixas, de pequenos qu
 do meu quarto (13 anos) → 16 anos

também de palavras significativas → 16 anos
 → Paixão por literatura despertada → 16 anos;
 → Criação de poesias → livro artesanal de
 poesias selecionados de diversos autores
 e algumas minhas. → para amigos in
 17 anos → Coleção Mar

→ Coleção de Botões → Bolsa de Botões
 → participação de teatro longo → 17 an
 → Visita a exposições no MAJ 200
 → Participação em duas palestras de ci
 arte contemporânea do ILHS - profa Nadya
 ainda não a conhecia → 2006 → pale
 Carlos Asp e Raquel Stolf

→ Participação das mostras de teatro da
 → Assistia cinema na Cidadela Cult
 → Entrei na graduação em Artes Visuais

Disciplinas que gostei: Pintura; Instalação,
 Desenho (+ou-), Signs Visuais; História da arte
 Brasileira; História da arte; Escultura.

colocar minhas ideias de produç → Capa de Botões
 sempre quis pintar e desenhar, aprendeu
 fotos que estão no pendrive → Hamilton Macho

→ Procurou minha professora que me fez
 fazer arte → (Dora) → talys colaja no site
 Paixão dos amigos. → Ubatuba. A viagem a Itália de
 a viagem e uma praia de est

→ A pedra da sena da Pexaria
 → A ilha e seu espaço de contemplação

apenas
 arte da
 arte
 global-
 zaco



de
 fuzil



→ Aumentar a produção de pigmentos
 → pegar foto da Ilhota com



A experiência

O pensamento de John Dewey é hoje muito referenciado e citado quando o assunto é aprendizagem pela Arte. Como nos fala Alexis Clements em seu texto *Reconsidering John Dewey's Art as Experience*¹² (2013), Dewey propõe uma aprendizagem através da experiência em oposição à tradicional memorização de conceitos e assuntos. A Arte, nessa perspectiva, seria um meio pelo qual as experiências mais singulares podem acontecer, enquanto que o conhecimento passado apenas de forma verbal não se configura em uma experiência significativa, mas sim em uma experiência estritamente superficial.

No texto *Ter uma experiência* John Dewey nos fala sobre a experiência singular e como ela se configura e se difere das experiências comuns que temos diariamente. A experiência singular necessariamente é uma experiência estética, e a estética é muito mais complexa que apenas uma experiência de emoções em estado de êxtase. *Na verdade, quando significativas, as emoções são qualidades de uma experiência complexa que se movimenta e se altera. Digo quando significativas porque, de outro modo, elas não passam de explosões e irrupções de um bebê perturbado.*¹³ A experiência singular é uma trama que possui um desenvolvimento e, portanto, as emoções internas a essa trama são vistas como parte de um todo. Assim, *a experiência é afetiva, mas nela não existem coisas separadas, chamadas emoções.*¹⁴

¹² Texto disponível em: <http://hyperallergic.com/67081/reconsidering-john-deweys-art-as-experience/>.

¹³ DEWEY, John. *Ter uma experiência*. In: DEWEY, John. Trad. Vera Ribeiro. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p.119.

¹⁴ DEWEY, John. *Ter uma experiência*. In: DEWEY, John. Trad. Vera Ribeiro. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p.119.



O autor nos ensina que as potencialidades das experiências singulares são muito marcantes e intensas e que, por conta disso, as experiências não podem ser confundidas com experiências corriqueiras. Elas dependem de uma dedicação. Cada uma delas é um processo que, com dedicação, é vivenciado do começo ao fim. A experiência singular para Dewey só é possível quando *conclui-se de tal modo que seu encerramento é uma consumação, e não uma cessação. Essa experiência é um todo e carrega em si seu caráter individualizador e sua autossuficiência*¹⁵. A experiência singular, portanto, não pode ser interrompida, descontinuada ou desinteressada. Como mesmo argumenta Dewey, *não há buracos, junções mecânicas nem centros mortos quando temos uma experiência singular. Há pausas, lugares de repouso, mas eles pontuam e definem a qualidade do movimento.*¹⁶

Ele nos fala que a experiência singular e estética não é vivenciada somente pelo espectador, mas também é parte constituinte do processo de fazer artístico do artista, seja na elaboração de uma música, uma dança, uma peça de teatro, um projeto arquitetônico, uma pintura, um desenho, uma escultura ou qualquer outra produção artística, pois o artista, além de fazer, está ao mesmo tempo percebendo o que faz. Nessa criação, ambos, o fazer e o perceber, trabalham juntos em uma experiência conjunta: *Em uma enfática experiência artístico-estética, a relação é tão estreita que controla ao mesmo tempo o fazer e a percepção.*¹⁷

¹⁵ DEWEY, John. Ter uma experiência. In: DEWEY, John. Trad. Vera Ribeiro. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p.110.

¹⁶ DEWEY, John. Ter uma experiência. In: DEWEY, John. Trad. Vera Ribeiro. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p.111.

¹⁷ DEWEY, John. Ter uma experiência. In: DEWEY, John. Trad. Vera Ribeiro. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p.130.



Não é muito fácil, no caso de quem percebe e aprecia, compreender a união íntima do fazer com o sofrer, tal como se dá no criador. Somos levados a crer que o primeiro simplesmente absorve o que existe sob forma acabada, sem se dar conta de que essa absorção envolve atividades comparáveis às do criador. Mas receptividade não é passividade. Também ela é um processo composto por uma série de atos reativos que se acumulam em direção à realização objetiva. Caso contrário, não haveria percepção, mas reconhecimento. A diferença entre os dois é imensa.¹⁸

É necessário ter um olhar voltado para o *perceber*, e não apenas para o *reconhecer* as coisas, para poder vivenciar uma experiência singular. Para perceber e observar também é preciso criar nossas próprias experiências, diz o autor, e colher daquela experiência aquilo é significativo.

Reconhecimento

No reconhecimento, tal como no estereótipo, recaímos em um esquema previamente formado. Um detalhe ou arranjo de detalhes serve de pista para a simples identificação. [...] ele não envolve nenhuma agitação do organismo, nenhuma comoção interna. Mas o ato de percepção procede por ondas que se estendem em série por todo o organismo.¹⁹

Percepção

A percepção substitui o mero reconhecimento. Há um ato de reconstrução, e a consciência torna-se nova e viva.

Dewey exemplifica: Às vezes, no contato com um ser humano, temos a atenção chamada para traços, talvez apenas de características

¹⁸ DEWEY, John. Ter uma experiência. In: DEWEY, John. Trad. Vera Ribeiro. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p.134.

¹⁹ DEWEY, John. Ter uma experiência. In: DEWEY, John. Trad. Vera Ribeiro. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p.134-135.



Revista APOTHEKE

físicas, dos quais antes não tínhamos conhecimento. Percebemos nunca ter conhecido aquela pessoa, não tê-la visto em um sentido pregnante. Começamos então a estudá-la e 'absorvê-la'.²⁰

Ao criticar a ideia simplista de que a experiência estética se dá apenas em campo sensível, Dewey argumenta que a estética perpassa o conhecimento intelectual: *Em suma, a experiência estética não pode ser nitidamente distinguida da intelectual, uma vez que esta última precisa exibir uma chancela estética para ser completa.*²¹

Dewey nos apresenta também alguns hábitos e atitudes que fazemos e que nos fazem perder as oportunidades que temos ao longo da vida de vivenciar experiências vitais e singulares:

O gosto pelo fazer, a ânsia de ação, deixa muitas pessoas, sobretudo no meio humano apressado e impaciente em que vivemos, com experiências de uma pobreza quase inacreditável, todas superficiais. Nenhuma experiência isolada tem a oportunidade de se concluir, porque o indivíduo entra em outra coisa com precipitação. O que é chamado de experiência fica tão disperso e misturado que mal chega a merecer esse nome. A resistência é tratada como uma obstrução a ser vencida, e não como um convite à reflexão. O indivíduo passa a buscar, mais ainda inconscientemente do que por uma escolha deliberada, situações em que possa fazer o máximo de coisas no prazo mais curto possível.²²

²⁰ DEWEY, John. Ter uma experiência. In: DEWEY, John. Trad. Vera Ribeiro. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p.135.

²¹ DEWEY, John. Ter uma experiência. In: DEWEY, John. Trad. Vera Ribeiro. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p.114.

²² DEWEY, John. Ter uma experiência. In: DEWEY, John. Trad. Vera Ribeiro. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p.123.



A experiência singular apresentada por Dewey me fez pensar em muitas experiências que tive ao longo da vida e pude perceber que em várias vezes eu acabei deixando passar a oportunidade de torná-las uma experiência singular. Lembrei-me de todos os projetos de produções artísticas que já planejei, e isso me deixou ligeiramente mal, fez-me pensar que há um elemento de acomodação em minha atitude que me faz arquivar as coisas, ou não concluí-las. Mas lembrei-me também de outras experiências que tive e que posso considerar como singulares, uma vez que elas me encaminharam a novas e novas experiências dentro da arte. Nesse espaço apenas relatarei duas delas, mesmo sendo quase impossível repassar o complexo de cada uma delas nessas poucas linhas, vou ao menos citá-las.

A primeira experiência aconteceu quando eu havia terminado o ensino médio, na época fazia um cursinho pré-vestibular e tinha descoberto a cena teatral de Joinville. Era maravilhoso ir aos espetáculos e, desde então, virei uma apaixonada por teatro. Foi numa mostra teatral chamada *Cena*, que acontece todos os anos na cidade, onde tive o prazer de desfrutar de uma experiência intensa.

Na *Cena* apresentam-se diversos espetáculos durante toda a programação, que geralmente dura 10 dias. Os espetáculos são de grupos locais, nacionais e também internacionais. A experiência que tive foi ao assistir uma peça do Rio de Janeiro, um monólogo interpretado por Paulo Giannini e dirigido por Miwa Yanagizawa e Kadu Garcia.

O nome da peça era *Homens de Barros*. No monólogo, Paulo interpreta uma espécie de andarilho que conta suas histórias para o público. Acontece que para mim essa peça foi muito importante, pois fez fomentar meu interesse pela literatura, em especial pelas obras de Manoel de Barros,



uma vez que a peça era inspirada em seus escritos. Além, é claro, da facilidade, tranquilidade e olhar sereno daquele jovem andarilho ao despejar sobre nós conhecimentos que tinha sobre as experiências e coisas mais simples da vida. O andarilho nos fazia refletir sobre suas andanças e histórias e, conseqüentemente, nos levava a refletir sobre a vida. Em meio à peça ele comeu uma laranja, falou de seu doutoramento em formigas e conseguiu mostrar a nós que muitas coisas na vida podem se tornar experiências significativas ou mesmo memórias fantásticas daquilo que para os outros são apenas miudezas sem importância.

A segunda experiência aconteceu quando estudava no segundo ano do ensino médio, na disciplina de Artes. As aulas de Artes daquele semestre como um todo foram um processo de experiência singular que me trouxeram definitivamente para o campo da arte como escolha para a vida.

Minha professora se chamava Dora e na realidade ela estava ali como professora substituta, pois a professora concursada de cargo efetivo na escola, chamada Maria Cristina, estava de licença prêmio e passaria o semestre longe da escola.

A professora Dora chegou à escola e logo de início começou a nos introduzir nos assuntos mais interessantíssimos da Arte. Ela vivia a experiência da Arte, ela tinha uma produção artística própria e paixão nos olhos quando falava. Durante esse semestre de aulas com a professora Dora foi que passei a me interessar pela Arte como um caminho para a vida, pois até então não estava em meus pensamentos nada relacionado ao campo artístico.

A minha experiência em si foi a duração de todo o semestre letivo, pois todas as aulas que tive me deixava cada vez mais apaixonada pela Arte. Lembro-me que ela nos passou um documentário sobre a vida e obra de Gaudí e eu fiquei tão encantada que ao chegar em casa fui correndo pesquisar mais imagens sobre o arquiteto. Em outro momento, ela nos fez conhecer Frans Krajcberg, suas obras, os materiais utilizados, um vídeo onde o artista falava sobre sua produção e ainda nos organizou uma exposição na sala de Arte com trabalhos artísticos que ela havia elaborado tendo como referência o artista. Lembro-me que essa foi a primeira exposição de Arte que vi. Na medida do possível, a professora organizou cuidadosamente aquele espaço, as carteiras como suportes para suas esculturas, os nomes etiquetados de cada obra. Ela havia se empenhado para nos mostrar um pouco mais sobre Arte. Depois dessa aula, lembro-me que tomei coragem de perguntar a ela sobre faculdades de Artes, pois tinha interesse em entrar assim que concluísse o ensino médio. Nesse dia eu tomei um grande baque, pois a professora era formada em Letras e não em Artes. O baque não foi porque ela estava ali dando aula de uma disciplina que nem era a área de sua formação (o que sempre foi muito corriqueiro no Estado de Santa Catarina, tendo em vista a ausência de concursos e de professores formados em Artes), mas sim em saber que mesmo não tendo formação na área ela se dedicara intensamente para nos ajudar a conhecer e gostar de Arte.

Outra parte importante dessa minha experiência, senão a mais importante, foi a ida ao museu. Eu nunca havia





Revista APOTHEKE

entrado no Museu de Arte de Joinville (só mesmo no Museu da Imigração e dos Sambaquis quando era aluna do ensino fundamental, mas esses eram diferentes do MAJ que eu acabara de conhecer).

Foi um dia incrível. Ver as obras de Arte expostas a nossa frente, ver suas dimensões, formas, criar-lhes sentidos. Lembro que era uma exposição do acervo do museu, e não esqueço que a obra que mais me chamou a atenção foi *Salvai nossas almas*, de Siron Franco. Uma obra que pra mim, à época, era imensa e que me deixou encucada, reflexiva e ao mesmo tempo perturbada, o que também me levou à pesquisa sobre o artista e suas obras.

Nossa professora Dora, com toda certeza, teve que correr muito para conseguir aquele ônibus quase capenga para nos levar ao museu. Coisa de dedicação e paixão mesmo, pois ônibus para estudantes sempre foi complicadíssimo de se conseguir, ainda mais para a disciplina de Arte, que ninguém da diretoria das escolas dá importância. Mal sabe ela que aquele nosso passeio me trouxe até aqui.

FRANCO, Siron. Técnica mista: lona com roupas coladas e radiografias, 1999, 200 x 300 cm. Museu de Arte de Joinville, SC, doada pelo artista. Foto: Romulo Fialdini.





Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade.

A gente só descobre isso depois de grande.

A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas.

Há de ser como acontece com o amor.

Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo.

Justo pelo motivo da intimidade.





Terreno da casa onde passei toda a minha infância – à frente o pé de goiaba vermelha.

Produção artística realizada como processo de conclusão da disciplina de Arte e Globalização do PPGAV - UDESC.

Trabalho coletivo, idealizado por Vanessa Costa da Rosa e Claudia Carnevskis, com ajuda de Lúcia Bahia na montagem/colagem.

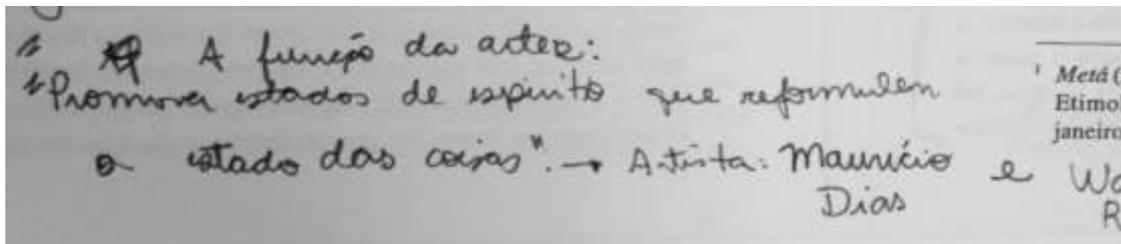
O trabalho convida o público a interagir, instigando os passantes com perguntas e reflexões, dando-lhes materiais, como marcadores permanentes e tachinhas de demarcação, para que possam expressar-se.

A proposta envolvia a reflexão sobre as memórias de lugares, as vontades de conhecer onde nunca se foi, e as saudades que ficam dos vários espaços do globo em que transitamos e que em algumas vezes somos obrigados a deixar.





Ser professor-artista - e agora?



O debate sobre ser professor-artista foi o norteador de nossas aulas na disciplina do mestrado ministrada pela professora Jocielle Lampert. Várias discussões foram realizadas no grupo e pudemos trocar e levantar ideias e experiências sobre processos artísticos, prática docente, teorias e dilemas da Arte Educação, entre outros.

Neste texto pretendo trazer alguns argumentos de professores-artistas que falam sobre suas experiências em textos que foram debatidos em sala. Na sequência irei relatar minhas próprias experiências enquanto professora, construindo assim um novo olhar sobre elas, uma vez que as discussões pertinentes ao ser professor e artista me fizeram revê-las, repensá-las.

Joaquim Alberto Luiz de Jesus em seu texto *Fazer o casaco? Para quê? - Introdução ao problema: autoconstrução como professor-artista* nos fala sobre os desafios de ser um artista-professor, e como ele passou a perceber e incentivar em si a atuação e diálogo entre esses dois mundos que o formam. Como professor que já era artista antes de lecionar, e que se pegou dividido e confuso na distinção entre o fazer e o ensinar, resolveu rever suas práticas e passar a se considerar um artista-professor. Nesse processo era preciso avaliar-se e conseguir ver como ambas as funções se articulavam na prática. Para isso o



instrumento do diário tornou-se de suma importância, a fim de avaliar seus processos e maturar ideias e práticas enquanto artista-professor.

Além de ter o diário como um instrumento de avaliação pessoal e subjetivo, Joaquim Jesus argumenta a importância de considerar o outro para avaliar-se, e por isso, além de registrar textualmente suas próprias considerações, ele buscou entrevistar outros professores-artistas e também os seus próprios alunos com que convive nas trocas de experiências em sala de aula. Os registros em vídeos e as fotografias também foram aliados de Joaquim Jesus na hora de compreender e refletir sobre sua prática docente e entender como o fazer artístico influencia sobre o ensinar.

No processo de se perceber como professor-artista, a primeira mudança que Joaquim Jesus decidiu tomar foi modificar sua postura em sala de aula e buscar trabalhar com a experiência como um meio de se construir uma aprendizagem concreta.

Um sujeito que tem muita informação sobre muitas coisas, que é obcecado pela informação, não consegue que nada lhe aconteça, nem que nada lhe toque, pois aquilo que ele tem é uma opinião sobre as coisas e não um conhecimento sobre as coisas. Deste modo, aquele que se sujeita à experiência, neste caso o professor-artista, percorre um 'território de passagem' que é ao mesmo tempo espaço de acontecimento e ponto de chegada.²³

As experiências tornaram-se essenciais para a prática docente de Joaquim Jesus e por isso podemos dizer que, assim como Dewey, ele entende que é através das

²³ JESUS, Joaquim Alberto Luiz de. Fazer o casaco? Para quê? - Introdução ao problema: autoconstrução como professor-artista. In: *Tese de doutorado em educação artística: (In)Visibilidades, o estudo sobre o devir do professor-artista no ensino em artes visuais*. Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto, 2013.



experiências singulares que podemos nos formar, aprender e trocar aprendizagens de maneira mais complexa e marcante.

Eugênio Paccelli Horta, assim como Joaquim Jesus, também é um professor-artista e em entrevista cedida à Daniela Maura encontramos várias considerações suas sobre arte, educação, didática e dúvidas sobre quem ou o que verdadeiramente é um professor, um artista ou, ainda, um professor-artista.

Durante sua entrevista Eugênio fala com entusiasmo sobre as trocas e as vivências que proporciona a atividade docente. Nesse sentido a sua fala muito se assemelha a de outros artistas-professores citados na pesquisa de Célia Maria de Castro Almeida no texto *Ser Artista, Ser Professor: razões e paixões do ofício*. Para Eugênio, a troca com os alunos o ajuda a aprender e lhe deixa cada vez mais seduzido pelo prazer de estar ali, em sala de aula:

[...] quando eu comecei a dar aulas notei uma resposta dos alunos, e aí você começa a perceber que... um diálogo, você começa a criar um diálogo com o outro. [...] você começa a aprender com as pessoas também, porque você está em contato com formas de pensar distintas, às vezes um aluno resolve, ele tem uma solução que é diferente, que você não imaginava. Então tem esse lado sedutor de ser professor, de ter contato com muitas inteligências, várias maneiras de fazer.²⁴

Na fala dos artistas-professores entrevistados por Célia isso também aparece. Por mais que muitos deles deem como primeiro motivo a necessidade financeira, eles deixam claro que, com o convívio com os alunos e as trocas em sala de aula, a função de ser professor ganhou um sentido

²⁴ HORTA, Eugênio Paccelli. Entrevista cedida a Daniela Maura. *Cadernos de estudos: o aprender o ensinar a arte*. N°01. Editora Mauras. Belo Horizonte: MG, p.14



prazeroso para eles e todos argumentam não quererem parar de lecionar. Assim, *as interações, consideradas prazerosas, estabelecidas entre professor e alunos no processo de ensino e aprendizagem*²⁵, tornam-se motivos para continuar a lecionar.

Outra questão levantada por Eugênio é a liberdade que se tem na sala de aula e as possibilidades do professor levar as suas questões para dentro dela e trabalhar com os alunos.

[...] eu acho que um artista professor criativo pode dividir o seu processo e colocar o seu processo criativo enquanto material de reflexão dentro de sala de aula, até pra que ele mesmo possa ser criticado.

[...] eu acho interessante acrescentar um pouco do meu processo criativo, não só do ponto de vista de um trabalho individual, mas de um trabalho didático que eu vejo como uma possibilidade artística.²⁶

Os artistas-professores entrevistados por Célia entram em consenso com Eugênio neste ponto. Eles construíram unidade entre o ser artista e o ser professor, e nessa unidade a experiência prática artística é importante e colabora no ensinar Arte.

Para os artistas-professores, o criar e o ensinar se inter-relacionam: 'Parece-me importante colocar a inter-relação total entre estas duas atividades. Não vejo como se possa dar uma aula prática de Arte sem ter esta experiência na vida, como profissional.'²⁷

²⁵ ALMEIDA, Célia Maria de Castro. *Ser artista, ser professor: razões e paixões do ofício*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

²⁶ HORTA, Eugênio Paccelli. Entrevista cedida a Daniela Maura. *Cadernos de Estudos: o aprender o ensinar a arte*. N°01. Editora Mauras. Belo Horizonte: MG, p.15 e 17.

²⁷ ALMEIDA, Célia Maria de Castro. *Ser Artista, ser Professor: razões e paixões do ofício*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p.82



Ao ensinar, o artista leva à sala de aula questões com que se defronta em seu trabalho de produtor de Arte, assim como absorve e incorpora à sua produção questões levantadas ou desenvolvidas pelos alunos.²⁸

Para Célia, é da própria experiência de prática artística e do contexto institucional que nasce a abordagem dos artistas-professores, e não há um método ou uma abordagem teórica pedagógica única que direcione a prática docente. No decorrer do texto, ela faz uma pequena divisão de ênfases adotadas pelos entrevistados em suas aulas. Seriam essas: ênfase na representação mimética; ênfase na imaginação e expressividade; ênfase na forma; ênfase no contexto; e ênfase na história da Arte e na leitura da obra de Arte. Mesmo assim há questões que são consensuais entre os professores artistas, como a noção de que o ensino de Arte deve ser encarado como uma orientação para o aluno a fim de que ele encontre seu próprio caminho. Eles revelam pontos que encaram como sendo importantes de se trabalhar em sala de aula, como os conteúdos e linguagens próprios da Arte, a valorização da prática, do conhecimento teórico e da leitura de obras, *o ensino da arte deve compreender o fazer, o conhecer e o apreciar arte.*

Ser professor-artista! E agora?

Diante das falas dos professores-artistas citadas acima, e principalmente das vivências desenvolvidas durante as aulas da disciplina *Sobre Ser Professor Artista*, tornou-se inevitável ter questionar-me e refletir sobre minha trajetória pessoal no campo da Arte. Ser professor-artista realmente era algo que nunca havia passado por meus

²⁸ ALMEIDA, Célia Maria de Castro. *Ser artista, ser professor: razões e paixões do ofício*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p.149.



Revista APOTHEKE

horizontes, talvez até considerado como improvável exercer ambas as 'profissões' ao mesmo tempo e em unidade. Foi justamente durante as aulas que pude passar a questionar um pouco mais sobre onde os anseios de práticas artísticas que foram abandonados por mim, e até mesmo o porquê disto.

Para início de conversa, lembro-me que durante os anos da graduação em Artes Visuais, por algum momento, eu levei a sério a possibilidade de ser artista. Durante as aulas de inúmeras disciplinas práticas do curso pude elaborar muitas produções de aprendizagem, e lembro-me com paixão das produções artísticas das aulas de instalação, escultura e pintura. Mas a nem tudo que produzia acreditava ser realmente uma produção digna de se expor como um trabalho artístico de fato. Apenas quando já estava no 3º ano do curso, e já mais amadurecida em minhas ideias sobre Arte, que passei a sentir-me um pouco segura com relação ao que fazia. Foi nessa época que realmente me dediquei a tentar dois editais de exposições de Joinville, para os quais acabei não sendo selecionada, além de disputar uma espécie de concurso para uma exposição de jovens artistas de nível nacional - a mostra Olheiro da Arte, com curadoria de Fernando Cocchiarale. Nesta mostra eu fui aprovada e expus pela primeira vez um trabalho meu, desenvolvido na disciplina de Instalação ministrada pela professora Nadja de Carvalho Lamas na Universidade da região de Joinville - UNIVILLE. Depois dessa mostra, expus mais uma vez o mesmo trabalho em uma mostra local, no SESC de Joinville, chamada *Entre-Imagens*, com curadoria de Alena Rizi Marmo. Nessa época já estava no último ano do curso de Artes Visuais. Algumas imagens do trabalho em exposição estão na página 20 desta revista.

Na realidade, esse trabalho foi o único que acreditei realmente poder ser considerado um trabalho de Arte que



valia a pena ser exposto. Isso porque foi o único em que pude maturar um pouco mais sobre a ideia, elaboração e constituição, diferente de outros, que fiz mais como experiência ou puramente idealizei para me enquadrar nos requisitos que pediam os editais da cidade.

Depois disso eu acabei por abafar cada vez mais as minhas possibilidades artísticas. Não digo possibilidades de ser uma artista que expõe e é reconhecida, mas mesmo como prática sensível que sempre me trouxe muito prazer. O motivo era que havia acabado a graduação e no último semestre já estava à procura de um emprego. Nessa época havia passado em um concurso para lecionar na educação fundamental no município de São Francisco do Sul, cidade vizinha a Joinville, cerca de 1h de distância, e aguardava ser chamada.

Como havia acabado a graduação, junto com ela se foram todos os meus vínculos empregatícios de estágios remunerados, e então precisava correr atrás de um emprego, e o concurso de São Francisco do Sul foi a primeira oportunidade que me apareceu. Mas, paralelamente a isso, eu também esperava ansiosa pela abertura de turma de um curso de especialização na universidade em que havia cursado a graduação, pois essa pós era específica em História da Arte, e também contava com a presença de professores muito estimados por mim de instituições como UFRGS, UDESC, UFSC e PUC-PR, além de professores da Univille, em especial uma excelente professora que tivemos na graduação, a professora Nadja, que na realidade foi a idealizadora dessa especialização.

O fato é que, em paralelo ao meu interesse pela prática artística, havia construído em mim uma paixão muito grande pela Teoria e História da Arte, o que me motivava mais ainda em buscar seguir essa linha em pesquisas e



estudos futuros. Nessa busca pela teoria, professoras como a Nadja e a Alena me incentivavam bastante, enquanto outros professores de aulas práticas não se dedicavam tanto em auxiliar ou incentivar os alunos. Talvez por isso busquei muito mais a linguagem teórica, em detrimento de continuar a produzir.

Quando finalmente fui chamada para lecionar em São Francisco do Sul, dei início ao ano mais exaustivo de minha vida até então. Isto porque ao invés de lecionar para as turmas para as quais havia prestado o concurso, ensino fundamental II, ou seja, 6º ao 9º ano da educação fundamental, eu passei a dar aulas para a educação infantil. E como não tinha experiência nenhuma como docente, foi uma dificuldade ainda maior, visto que eram alunos bem novinhos, de 0 a 5 anos de idade.

Durante a graduação eu havia feito estágios escolares em várias etapas da educação, mas com educação infantil havia apenas realizado uma oficina em grupo, e não havia nenhuma relação entre a minha experiência de estágio com a experiência docente, seja pelo tempo destinado as aulas, o espaço disponível ou os escassos materiais que tinha a minha disposição como docente.

Além de cair de paraquedas em uma área de ensino para a qual não estava preparada para lecionar, a carga horária de horas relógio adotada pelo município não deixava nenhum dia em aberto para o planejamento dos professores, o que tornava a vida nos Centros de Educação Infantil deveras massacrante. Ainda tinha que me desdobrar em duas instituições distintas e distantes uma da outra para poder garantir minha carga horária. Não havia possibilidade de redução de carga horária, eram 40 horas ou nada. Tentei várias vezes diminuir por conta de estar sobrecarregada, mas não tive êxito. Ao mesmo tempo em que lecionava todos



Revista APOTHEKE

os dias da semana, acabei por iniciar os estudos na pós-graduação em Joinville, e todas as quintas e sextas tinha que sair direto do trabalho para o curso que também me exigia dedicação. Assim, me via sempre cansada naquele ano. Estava exausta no trabalho, estava exausta no estudo e passei algumas noites viradas para poder dar conta dos trabalhos da pós-graduação.

Mesmo tendo uma boa remuneração salarial, melhor que o salário dos professores estaduais por exemplo, eu não estava realmente realizada naquele contexto. Além disso, a estrutura dos espaços em que lecionava era muito precária. Muitas vezes as crianças ficavam a maior parte do dia sentadas sobre o chão de pisos gelados, sem nenhuma manta ou emborrachado térmico, coisa que só tinha na turma do berçário (crianças de 0 a 2 anos). Ver aquilo me causava uma revolta muito grande, sem falar na omissão do conselho tutelar.

Mas nem tudo foi só espinhos. Lembro-me que foram anos de intenso aprendizado, e de fomentar em mim uma visão mais sensível sobre o mundo e sobre a Arte. Trabalhar com crianças tão pequenas e tão cheias de espontaneidade e afeto foi um desafio muito prazeroso. Aproveitei para trabalhar com elas todas as possíveis descobertas e experiências que podemos ter pelos materiais e meios da Arte. Assim, tentei articular uma pequena divisão de possibilidades de ações em grupos distintos entre as faixas etárias das turminhas do berçário, maternal, jardim e pré-escola. Com alunos de jardim e pré-escola, já se tornara mais tranquilo para trabalhar com algumas poucas produções artísticas e histórias de artistas para crianças, além das atividades de experimentações de materiais e vivências, enquanto as outras duas turminhas de crianças bem novinhas trabalhavam de forma mais aberta, proporcionando



experiências com materiais diversos que elas pudessem entrar em contato.

As professoras de turma também eram, em sua maioria, ótimas parceiras que me auxiliavam, e muitas vezes topavam as minhas experiências cheias de lambanças. Foi um ano de grandes descobertas, trocas e afetividade que tive com aqueles pequenos. Acabei tendo que dispensar muito tempo extra e dinheiro próprio para comprar materiais e elaborar as aulas, mas valeu muito a pena.

Estive ali até aparecer um novo concurso em que passei, e deixei o município ao término de um ano de serviço para lecionar no ensino básico estadual na cidade de Joinville. Como já relatei aqui um pouco sobre meu primeiro contato com a educação básica no texto *Cartografia - um relato de experiência*, apenas falarei um pouco mais sobre como foi meu contato e troca com os alunos.

Na escola dei aulas para turmas de primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio, e gostei muito da experiência que, por ser bem oposta às turmas que tinha lecionado anteriormente na educação infantil, me ajudou muito a construir uma nova abordagem de aulas. Pude, pela primeira vez, dividir com os alunos muitas de minhas paixões da Arte, entre obras contemporâneas e de outras épocas e movimentos. Nossas aulas iam se construindo experimentando linguagens, temas e questões que se relacionavam também com os interesses locais dos alunos e meus. Quando trabalhava algum movimento, era sempre relacionado com obras e assuntos atuais que conversavam com questões daqueles movimentos, ou com um artista, ou mesmo formavam oposição mostrando as distinções entre as épocas. Era uma tentativa de relacionar aqueles conteúdos com as questões que nos eram interessantes. Pelo menos assim eu pensava. Algumas vezes deu muito certo, outras nem tanto, e outras ainda não



deu nada certo. O fato é que foi um tempo muito bom também. Os alunos mais velhos me ajudaram a repensar questões e debatiam comigo, davam suas opiniões, e era muito bom ter essa troca. Os alunos dos primeiros anos eram os mais resabiados e mais difíceis de lidar nesse sentido, pois muitas vezes tinham vergonha de se expor. Por consequência, os alunos dos terceiros anos eram os mais próximos, os que mais se expunham e que trocavam suas opiniões com mais facilidade. Tinha uma turma da noite que também era um espaço muito bom porque, além dos alunos serem do terceiro ano, eram também trabalhadores, e pareciam conseguir construir melhor as ideias já postas em suas experiências de vida e, por mais incrível que parecesse, eles eram os alunos que mais se dedicavam nas aulas práticas. Como tínhamos duas aulas faixas, podíamos nos estender muito tempo e utilizar as mesas grandes do refeitório para nossas produções. Hoje penso que talvez eu tenha focado muito em questões teóricas com eles, porque estava envolvida com a pós-graduação em História da Arte e estava tão interessada que deixei essa orientação também tomar um pouco de minhas aulas.

Penso que se tivesse organizado meu tempo, poderia ter me dedicado também a aulas de pintura ou desenho, que sempre gostei muito desde criança e, quem sabe, seriam essas importantes experiências para trocar com alunos em nossas aulas.

Os rumos que tomei durante esses anos, após minha formação, me deixaram afastada de qualquer produção artística. E essa disciplina me fez ver isso, o que me deixou um pouco triste em não estar cultivando essa parte tão importante do campo da Arte, e que também sempre foi importante para mim. Nesses anos, também não me esforcei em dedicar-me à produção artística. Apenas fiquei anotando



Revista **APOTHEKE**

ideias e projetos de trabalhos artísticos que nunca saíram do papel. Tantas ideias que, mesmo sendo sempre incentivadas por meu esposo e companheiro, nunca tive o fôlego de colocá-las em prática.

As práticas de cianotipia e monotipia que tivemos durante as aulas da disciplina Sobre Ser Artista Professor foram parte importante para criar a reflexão e também novas experiências artísticas. Essa disciplina foi importantíssima para me questionar sobre a prática artística que sempre me foi tão cara, e que em algum momento no meio caminho, eu abandonei.







